

Resenha do livro: *A civilização asteca*, de Jacques Soustelle. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

## O crepúsculo de um império

Twilight of an empire

César Augusto Neves Souza

Graduando em História pela Universidade Federal do Tocantins.

Jacques Soustelle é doutor em Letras e foi diretor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. Importante pesquisador sobre as civilizações pré-colombianas, sua formação básica é em Etnologia, com especialização em América Latina. Sua obra *A civilização asteca* foi traduzida para a língua portuguesa pela antropóloga social do Museu Nacional do Rio de Janeiro Maria Júlia Goldwasser. Soustelle neste livro fornece dados interessantes e preciosos sobre a peculiar civilização ameríndia. O autor descreve com acuidade singular as origens da civilização asteca, tomando cuidado em relatar os povos que constituíram essa civilização, bem como sua localização no espaço geográfico.

Do período que chamamos de pré-clássico, cerca de vinte mil anos a. C., no período da pedra lascada, encontram-se vestígios de povos caçadores e de animais como mamutes. Esta descrição é relevante para se ter uma ideia do estudo que Jacques Soustelle realizou. Ele mostra em seu livro a expansão e a formação do povo asteca.

Os astecas descendem de pelo menos três povos. Um deles, os toltecas, contribuíram fortemente para a concepção cultural do povo asteca. Os toltecas, almeças e astecas viviam em completo estado de tribos nômades, eram guerreiros e caçadores. Soustelle, em sua pesquisa, faz recurso da língua falada por estas tribos, um instrumento importante para a construção desta história, principalmente os relatos e as lendas do próprio povo. Utiliza também a verificação de manuscritos indígenas, cronistas nativos e espanhóis e outras obras recentes do campo bibliográfico, que o leitor poderá conhecer nas referências citadas por Soustelle na parte final de sua obra.

O governo dos astecas era regido por soberanos, que denominamos imperadores. Acredita-se que o governo era teocrático. Isto quer dizer que o governante soberano é a representação divina, sendo ao mesmo tempo autoridade política e religiosa do seu povo. Deve-se ter atenção com a nomenclatura, no texto aparecem termos como bárbaros e vassalos, oriundos da Idade Média e da história europeia, que não refletem como os ameríndios designavam estas funções.

Para ser ter uma ideia da grandeza dessa civilização, quando os espanhóis chegaram à América, os astecas dispunham de 38 províncias submissas economicamente à capital Tenochtitlán. Cada província conquistada era aglutinada ao complexo asteca no qual conservava sua forma de governo. Porém, eram estabelecidos postos de governo e localidades estratégicas, para facilitar o controle do “império”. Cada cidade conservava seu código legal e sua política interna. Algumas não pagavam tributos, mas cooperavam de outra forma, como, por exemplo, na manutenção das tropas imperiais.

Constavam entre os impostos coletados artefatos em geral, desde cachimbos até vasos de cerâmicas valiosos, joias, animais, produtos agrícolas, entre outros. A forma de governo era simples, os sacerdotes detinham o poder político e religioso sobre uma sociedade homogênea e igualitária. O contato com outros povos fez com que o governo asteca se sofisticasse e adotasse uma ordem hierárquica administrativamente e judicialmente.

Com uma sociedade totalmente estratificada, aos membros mais simples só restava trabalhar, prestar serviço militar e pagar impostos. Os méritos de cada soldado consistiam no maior número de capturas de pessoas para sacrifícios. Entre as camadas mais pobres da sociedade, Soustelle descreve a seguinte ordem: em primeiro lugar os prisioneiros de guerra, os destinados a serem sacrificados; segundo, os condenados, que trabalhavam para a coletividade; terceiro, os escravos dos vícios, aqueles que perdiam tudo em jogos e para sobreviverem vendiam a si mesmos; e a última classe consistia naqueles que eram propriedade de uma família endividada e acabavam colocados à venda para suprir a dívida.

O autor de forma caprichosa detalha os meandros desse povo passeando pelos seus dignitários, corpo de sacerdotes, as riquezas, o governo, classes sociais e os pormenores da vida cotidiana. Descreve o caminho desde quando eram caçadores e coletores a uma sociedade complexa e extremamente estruturada, cujo caráter cultural tem muito dos povos com que tiveram contato. A formulação da cultura

asteca dependeu em parte das assimilações de outros povos. Natural que assim fosse, praticamente todos os grupos que entram em contato com outros povos influenciam e são influenciados. Como já mencionado antes, alguns termos no texto de Soustelle podem ideologicamente orientar o leitor de forma precipitada, tal como acontece com o termo 'bárbaro', utilizado pelo autor.

Tenochtitlán, capital do império, abrigava cerca de 500 mil habitantes, que levavam uma vida nômade. Com a anexação de outros territórios, adquiriram um estilo de sociedade sedentária. Por volta do século XII, o empreendimento arquitetônico era tanto, que deixaram os espanhóis perplexos ante à engenharia de suas construções. Os astecas apreciavam muito jardins e os adornavam com inúmeras espécies de animais e aves.

O comércio era feito no centro da cidade e ali eram trocadas as mais variadas mercadorias: produtos agrícolas, artefatos em gerais, caça e pesca. A cidade também dispunha de seus cronistas, que descreviam a suntuosidade das construções. E retomando o parágrafo anterior, como os astecas admiravam tanto jardins, praticamente todas as casas possuíam em seu próprio terreno um jardim e um banho a vapor. Outros fatores que merecem destaque são a higiene, o sistema de saneamento básico e a organização da vida coletiva.

A cidade era periodicamente vítima de cataclismos, inundações que devastavam a cidade. Com a enchentes, muitas pessoas morriam ou ficavam desamparadas. O Estado se preocupava em cuidar dos desabrigados e pensar estratégias de escoação da água. Todas estas peculiaridades faziam dos astecas um povo sofisticado culturalmente, com uma identidade e estilo de vida elaborados. Herdeiros de civilizações precedentes e muito influenciado pelos toltecas, os astecas mantinham jogos e apostas, declamação de poemas e eram especialistas na fundição do ouro. Possuíam técnicas de agricultura, tecelagem e cerâmica. A astronomia era refinada e pontual, e havia dois tipos de calendários: um solar de 18 meses e um divinatório de vinte meses.

Com a chegada dos espanhóis, muito daquilo que foi produzido pelos astecas se perdeu, inclusive os livros com conhecimentos diversos a respeito da vida, dos rituais e até da flora de seu território. A vida de um asteca era preenchida pelos rituais desde o nascimento. E, dependendo do dia do nascimento, sua vida era destinada conforme as crenças astrológicas. Um detalhe que chama a atenção era a morte dos guerreiros, segundo eles, o morto sobe ao céu para fazer companhia ao Sol

e, após quatro anos, retorna sob a forma de um beija-flor. O panteão era riquíssimo, cultuavam deuses para todas as características e formas da natureza. A religião asteca tornou-se um hibridismo devido aos contatos com outras civilizações. É importante ressaltar que eram politeístas, e para cada atributo da natureza, tinham um deus específico, bem como para cada prática humana. Eles acreditavam que, a cada momento, poderia sobrevir ao mundo uma terrível fatalidade cósmica, portanto, tinham que sempre apaziguar a ira dos deuses com ofertas e sacrifícios humanos. Esta cosmovisão deixava os astecas angustiados perante o mundo. O sangue humano era a água preciosa que mantinha todos os deuses satisfeitos e, por consequência, a ordem da natureza e do universo.

Torneios eram realizados para oferecer sacrifícios aos deuses e, em época de paz, criavam a guerra. Em contrapartida, aqueles que eram destinados ao sacrifício acreditavam que por este meio alcançariam a paz e a felicidade eterna. De um lado, a crença de que os sacrifícios humanos trariam uma bem-aventurança; por outro, aqueles destinados à morte se conformavam acreditando que tomariam posse da felicidade eterna. Os sacrifícios eram a garantia da ordem no universo.

Na página 81, o autor utiliza um adjetivo um tanto carregado de juízo valorativo, qualificando o panteão asteca de bizarro e profuso. Seria bizarro para o asteca? Quais os parâmetros para atribuir tal valor? Quanto ao termo profuso, julgo ser mais adequado, ou pelo menos não tão carregado de juízos de valores. O povo olmeca lançou pilares que posteriormente iriam servir de fundamentos para a arte e a literatura asteca, entretanto, conforme Soustelle, elas não devem ser consideradas como simples imitação. Ambas têm características próprias. Infelizmente, devido ao pensamento religioso dos europeus, todos os monumentos foram destruídos. Como os monumentos eram uma honra a um determinado deus, os europeus julgaram ser uma cultura diabólica.

Finalmente, apesar de toda a sua riqueza cultural, o povo asteca teve seu declínio. Esta queda se deu a partir da chegada dos espanhóis. Houve algumas expedições espanholas que chegaram aqui na América, mas nenhuma delas foi tão notável quanto a expedição liderada por Hernán Cortez.

Cortez, com o conhecimento prévio de navegações anteriores e com um instinto político muito aguçado, desembarcou nas costas mexicanas no ano de 1519. Com a ajuda de uma escrava e de um espanhol que falava a língua asteca, descobriu que havia povos que estavam subjugados ao império asteca e se aproveitou disso. Os

espanhóis se apropriaram do pensamento religioso do povo asteca e dele tomou vantagem. Por coincidência, o ano de 1519, segundo o calendário dos nativos, era o fim de uma era que durava 52 anos. E no intervalo de cada ciclo, a serpente de plumas, principal divindade de seu panteão, viria retomar sua herança. Os nativos viviam sempre com a ansiedade de um fim a cada momento. O imperador asteca Motecuhzoma, ao receber os espanhóis, proferiu tais palavras a Cortez, dignas de citação:

Sejais bem-vindo, nosso senhor, de volta a vosso pais e entre  
o vosso povo, para vos sentar sobre vosso trono, do qual fui  
detentor por algum tempo em vosso nome.

Em 8 de novembro de 1519, os espanhóis se apossaram do palácio imperial. Muitas são as causas possíveis da derrota. Os espanhóis contaram com o apoio massivo de povos indígenas, que não compreendiam a verdadeira intenção dos invasores. E com a queda dos astecas, também foram aniquilados posteriormente. A derrota não se deu apenas pelas armas – a doença dizimou milhares de nativos. Estudiosos acreditam que estes foram fatores primordiais para a triunfo dos europeus.

Difícilmente conseguimos pensar sobre esta parte da história sem atribuir valores positivos e negativos. Os astecas também oprimiam pela guerra e pelos impostos os povos adjacentes, porém, conservavam sua cultura. A guerra para eles tinha significado religioso e econômico, servia para angariar cativos para sacrifícios. Os espanhóis aniquilaram o adversário, pilharam sua riqueza e impuseram seu deus cristão.

E assim se sucedeu, em traços largos, o fim do império asteca. Jacques Soustelle faz uma descrição que o elencaria com uma referência ao tema. Na minha opinião, ele descreve muito mais as peculiaridades da cultura e o modo de viver do povo asteca, do que explica os pormenores da queda do império. Talvez devesse ter dado mais atenção a este fato.